

RODA DE LEITURA: EXPERIÊNCIAS COM PRÁTICAS DE LEITURAS COMPARTILHADAS

Andréa Pereira dos Santos¹

Resumo: Trata-se de um relato de experiência acerca das práticas de leitura enunciadas pelos estudantes de Biblioteconomia durante a disciplina de “Leitura e Sociedade” ministrada na Universidade Federal de Goiás - UFG. A finalidade dessa atividade é demonstrar a teoria refletida na própria prática do discente. Trata-se de uma metodologia de aula baseada nos princípios da história cultural (BURKE, 1992). A atividade demonstrou que, conforme pontuado por outros estudos científicos, os sujeitos possuem práticas de leitura diversas as quais são ou foram importantes em algum aspecto da vida. Seja ele emocional ou de aprendizado.

Palavras-chave: Práticas de leitura; aprendizado da leitura; leitura.

1. Introdução

Pretendemos abordar nesse artigo uma experiência de leitura compartilhada entre estudantes. Trata-se da Roda de Leitura. Nela, os estudantes são convidados a compartilharem suas leituras com seus colegas. Não há critério para a escolha do texto. Não importa o suporte onde se encontra tal leitura. Não importa o gênero ou o tamanho. Apenas que o texto tenha deixado alguma marca em algum momento de suas vidas. A roda de leitura se mostra como uma prática de leituras dissonantes, já que não se apegam a textos ortodoxos ou canônicos. Muitos se descobrem leitor nessa atividade já que ali o leitor tem a liberdade de apresentar as leituras que realmente lhe fazem sentido. Ao compartilhar tais textos entre os colegas, percebe-se afinidades, interesses semelhantes aproximando os sujeitos para uma relação afetiva que vai além da realidade rígida e racional da universidade.

Usando como metodologia a história cultural (BURKE, 1992), realizamos uma análise dessa atividade a fim de demonstrar como esta contribui e pode se constituir enquanto um momento de reflexão para cada um dos estudantes. Trata-se portanto, de uma análise qualitativa e exploratória de natureza básica.

O presente texto é dividido em aspectos conceituais, históricos e teóricos da leitura de modo a identificar o conceito de práticas de leitura e sua relação com a roda; e por último apresentar a experiência com a roda de leitura presente no componente curricular “Leitura e Sociedade” do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás.

2. Leitura: aspectos conceituais, históricos e teóricos

Ao tentar conceituar leitura tem-se que no dicionário Aurélio, a palavra leitura (do latim *medievo lectura*) significa ato ou efeito de ler, mas também a arte de decifrar um texto segundo um critério. Ao decifrar os códigos linguísticos e deles extrair seu significado, o ato de ler se revela enquanto um processo de aprendizado e de discernimento de informações disponíveis, transformando-as em novos conhecimentos. Tal processo, denomina-se letramento (SOARES, 2004).

Para Martins (1994), a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do sujeito. Desse modo, é possível ter uma postura crítica, apontar alternativas, perceber diferenças e semelhanças entre sociedades diversas, culturas

¹ Professora do Curso de Biblioteconomia, do Curso de Especialização em Letramento Informacional e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFG. E-mail: andreabiblio@gmail.com.

variadas, a fantasia é estimulada e a percepção da realidade ativada. O processo ocasionado por meio da leitura nos induz ao reconhecimento da nossa própria diversidade social.

Em primeira instância, principalmente quanto se pensa a leitura a partir de um objeto físico, como o livro por exemplo “a visão, o tato, a audição, o olfato e o gosto podem ser apontados como os referências mais elementares do ato de ler” (MARTINS, 1994, p. 40). Porém, há de se pontuar que tais sentidos podem, também, ser afetados no texto escrito em outros formatos, como o eletrônico por exemplo.

Entende-se leitura como processo de percepção e compreensão do mundo que cerca o sujeito. É ação de interpretar e ressignificar o meio a sua volta. A leitura faz parte do cotidiano. Entretanto, podemos, a partir do entendimento de autores como Chartier (1999; 2011) e Abreu (2001) estabelecer uma diferença entre hábito de ler e práticas de leitura. O significado da palavra hábito está ligada a questões cotidianas que não exigem esforço intelectual como escovar os dentes, pentear os cabelos e outras tantas ações que realizamos sem pensar. Já a prática, vai além de processos mecânicos e impensados. Ela inclui ações sociais que marcam e podem promover a ressignificação.

Portanto as práticas de leitura são ações individuais ou coletivas as quais promovem a capacidade dos sujeitos em selecionar, interpretar e modificar o conhecimento adquirido por meio de leituras diversas em diferentes fases da vida. Por consequência, as práticas de leitura estabelecem a capacidade de experimentar, vivenciar o mundo, se apropriando de conhecimentos internalizados no indivíduo para interagir nas diversas formas em que a leitura se apresenta.

2.1. Pontuações históricas da leitura

Chartier (2003) destaca a forte influência moralista da Igreja Católica na qual se observa a censura eclesiástica através de algumas estratégias como a interdição (a mais radical), o controle religioso à dança e a triagem (separação do núcleo lícito da festa e as práticas supersticiosas). Principalmente na Idade Média, a leitura não era uma atividade comum à aqueles fora do seio da igreja ou dos grandes palácios, pois a leitura significava conhecimento e este era perigoso para quem comandava a sociedade.

Para Chartier (1999, p. 79) a partir do século XVIII, a história das práticas de leitura tornou-se também da liberdade na leitura. Algumas imagens que representam o leitor o trazem de maneiras as mais diversas representado no ato de ler em movimento, andando, lendo na cama e não apenas em seus gabinetes num espaço retirado e privado, sentados e imóveis. É quando, também, se estabelece a leitura silenciosa, a qual promove no leitor a possibilidade de ler sem censura já que não mais seria ouvida por quem controlava o aprendizado até então.

Houve, nesse período, o redimensionamento das bibliotecas, ocasionado pelo aumento da produção bibliográfica, elas sofreram mudanças na organização dos assuntos e na elaboração dos catálogos. A divisão por assuntos já era comum em muitas unidades, o que facilitava a pesquisa e leitura de muitos frequentadores desses ambientes. As práticas de leitura foram se adaptando ao formato das bibliotecas.

Já no Brasil, para Lajolo e Zilberman (2009) dão um panorama diferente. Aqui ela é classificada pelas autoras como “periférica e dependente”. Isso se deve ao fato de o Brasil ter sido ocupado no século XVI, época marcada pelo mercantilismo, por isso sua busca em integrar-se no capitalismo, decorrente da revolução francesa, é constante, nunca acabada.

No que se refere ao leitor, Lajolo e Zilberman (2009) afirmam que o Brasil Colônia sofria com a falta de escolas, bibliotecas, livrarias e gráficas. Com isso, os poucos escritores sentiam-

se privilegiados e, ao mesmo tempo, desanimados em função de não haver companhia intelectual.

Todo esse quadro estruturou o abismo, que permanece até os dias de hoje, entre a maioria da população e a cultura letrada. Tal distância explica porque o consumo e a produção literária permaneceram quase exclusivamente nos limites da elite brasileira.

Veja que não se trata de definir nesse contexto brasileiro o gosto ou não pela leitura e sim de acesso ou não à leitura. Ao analisar o acesso a bibliotecas pelas pessoas, percebe-se que há uma ausência da biblioteca tanto a escolar quanto a pública; tal ausência retira dos sujeitos o direito ao acesso a esses espaços formais de leitura (SANTOS, 2014).

2.2. O aprendizado da leitura

Os métodos pelos quais aprendemos a ler encarnam as convenções de nossa sociedade em relação à alfabetização: (canalização hierárquias e poder) como também determinam e limitam as formas pelas quais nossa capacidade de ler é posta em uso (MANGUEL, 1997, p. 85). Esse aprendizado está ligado tanto a nossa história de leitura no seio familiar quanto na escola. As práticas leitoras presentes desde a infância, em conjunto com a família, contribuem para a ampliação da percepção da criança em sua fase escolar.

Quando crianças, as primeiras leituras realizadas são as apresentadas por meio de imagens e posteriormente com imagens e textos. Para Manguel (2009), as imagens eram e ainda são relevantes no texto, pois auxiliam o leitor na compreensão textual. Para aqueles que não têm o domínio da leitura do texto escrito, a imagem é ferramenta essencial para a compreensão leitora, pois se pode comparar a uma língua estrangeira, da qual não tenhamos nenhum conhecimento, se o texto possui gravuras em suas páginas, logo o leitor as interpretará, lerá.

Na sociedade judaica medieval o aprendizado da leitura era seguido por um ritual. Nele a criança, após alfabetizada, era levada ao mestre o qual cobria a lousa com mel e a criança lambia assimilando-se assim a leitura (MANGUEL, 1997). O aprendizado da leitura em nossa sociedade atual dizem respeito mais a um processo do que um simples rito de passagem, já que é uma prática que inicia (ou pelo menos deveria iniciar) na família e prosseguir na escola.

A história revela uma grande diferença do aprendizado da leitura entre meninos e meninas. Os meninos deveriam aprender a ler após os 7 anos de idade (século XV). Porém as meninas não poderiam ler, pois acredita-se que elas poderiam somente usar a escrita e a leitura para o envio de missivas amorosas. Além disso, cabia a mulher, única e exclusivo papel de mãe e dona de casa (MANGUEL, 1997). Para os meninos, eram contratados professores tutores após o aprendizado das primeiras letras. Já as mães se ocupavam da educação das meninas (MANGUEL, 1997). Em tempos atuais, pesquisas como a Retratos da Leitura no Brasil (2015), demonstram que pessoas do sexo feminino, leem mais que as do sexo masculino. Isso graças as mudanças culturais as quais possibilitaram às mulheres uma aproximação da igualdade de direitos perante ao aprendizado.

Quando da época da escolástica: “No que refere ao ensino da leitura, o sucesso do método dependia mais da perseverança do aluno que de sua inteligência” (MANGUEL, 1997, p. 93), pois, tratava-se de um método onde o aprendiz era obrigado a decorar e não a aprender verdadeiramente. A verdade e interpretação dos textos era exclusiva ao professor. Até os dias atuais, percebe-se um claro comportamento de professores nesse sentido.

Em resumo, o aprendizado e estudo da leitura, segundo Manguel (1997) possuía as seguintes características:

1. Em pleno século XVI, o método escolástico dominava nas universidades e em escolas de paróquias, mosteiros e catedrais de toda Europa;
2. O aprendizado no início do século XVI era baseado na violência com varas vidoeiro.
3. Os textos originais não deveriam ser apreendidos diretamente pelo aluno, mas mediante uma série de passos preordenados (MANGUEL, 1997, p. 96).
4. Por volta de 1441 Guidetti muda um pouco o modo para aprendizado da leitura pelos estudantes. Passam a ler os textos dos autores originais. Mas sua interpretação ainda é guiada pelo professor.
5. Depois da escolástica passou-se a um ensinamento mais humanizado dando aos aprendizes possibilidades mais vastas de aprendizado e não pura decoração do que era apresentado.

Hoje em dias, em termos de estudo do aprendizado e de práticas de leitura, entende-se a necessidade de uma maior liberdade por parte do leitor. Liberdade em assumir suas interpretações e de definir o tipo de leitura que lhe agrada. Para Chartier (1999), quem dá sentido ao texto é o leitor e não o autor. É como se cada texto fosse escrito novamente pelo olhar do leitor o qual a partir do seu capital cultural – Bourdieu – (re)cria uma nova forma de interpretação. Por isso, a cada texto e a cada leitura o voo da imaginação é mais alto e as experiências de vida são potencializadas por ela. Ler é navegar por mil horizontes.

3. Roda de leitura: representação de leituras compartilhadas

A atividade proposta pela disciplina “Leitura e Sociedade” intitulada Roda de leitura, pretende refletir sobre o conceito de leitura, sobre o exercício de ser leitor numa realidade em que propósitos ideológicos borbulham e sufocam, asfixiam, silenciam vozes. Na arena de disputa de poder que envolve o dizer e o agir humanos, a dimensão social se revela. Por isso, sentidos consonantes e dissonantes vão delineando uma trajetória de ser leitor não necessariamente “consciente” no sentido de clareza do trajeto percorrido ou alcançado.

Pensar a leitura na escola, ou na academia, exige refletir historicamente sobre o termo. Qual a chave proclamada por Drummond que bem caracteriza o leitor na escola ou na academia? Que leitor é esse que a escola ou a academia esperam formar? O que significa ser leitor não alienado, ou mesmo, leitor crítico? O termo leitor exige adjetivação, uma vez que nada na realidade é neutro? Que conhecimento o leitor precisa ter ao se defrontar com o mundo no papel assumido por ele como adulto? Que relação há entre leitura e linguagem e de que forma a linguagem afeta o sentido de ler? O que significa o “mais que” na expressão “ler é mais que...”? Muitas são as indagações que inquietam formadores de leitores colocando em cena a relação sujeito e mundo. O percurso da roda é, pois, momento de partilha, de revisitação a um termo que, de tão familiar, continua desafiador. “Se é verdade que o que eu digo da leitura é produto das circunstâncias nas quais tenho sido produzido enquanto leitor, o fato de tomar consciência disso é talvez a única chance de escapar ao efeito dessas circunstâncias”, disse Pierre Bourdieu (2015).

Trata-se de um relato de experiência acerca das práticas de leitura enunciadas pelos estudantes de Biblioteconomia durante a disciplina de “Leitura e Sociedade” ministrada na Universidade Federal de Goiás - UFG. Nela, os estudantes são convidados a compartilharem suas leituras com seus colegas. Não há critério para a escolha do texto. Não importa o suporte onde se encontra tal leitura. Não importa o gênero ou o tamanho. Apenas que o texto tenha deixado alguma marca em algum momento de suas vidas. A roda de leitura se mostra como uma prática de leituras dissonantes, já que não se apegam a textos ortodoxos ou canônicos (ABREU, 2001; CHARTIER, 1999). Muitos se descobrem leitor nessa atividade já que ali o leitor tem a liberdade de apresentar as leituras que realmente lhe fazem sentido. Ao compartilhar

tais textos entre os colegas, percebe-se afinidades, interesses semelhantes aproximando os sujeitos para uma relação afetiva que vai além da realidade rígida e racional da universidade.

A finalidade dessa atividade é demonstrar a teoria refletida na própria prática do discente. Trata-se de uma metodologia de aula baseada nos princípios da história cultural (BURKE, 1992).

A atividade “Roda de Leitura” é sempre realizada nas últimas aulas da disciplina “Leitura e Sociedade” do curso de Biblioteconomia da UFG, pois espera-se que o estudante tenha tido a oportunidade de ler, conhecer e discutir acerca das principais teorias e teóricos da leitura. Com esse embasamento, junto com a explanação do texto lido, vem junto uma reflexão crítica da sua postura de leitor.

Tendo a clareza do seu papel de leitor e percebendo a diversidade de interesses de leitura revelados pelos colegas, acredita-se que esse futuro bibliotecário terá mais consciência do seu papel de mediador da leitura. Foca-se, principalmente, na leitura isenta de preconceitos (ABREU, 2001).

Os tipos de leituras enunciadas são diversos. Algumas emotivas, outras reflexivas, comédias ou religião. As principais motivações (DUMONT, 2001) e aprendizados para os tipos de leitura são: Melhorar a crença religiosa; comédias como resistência a leitura forçada; dramas demonstrando superação de pessoas e refletindo essa superação na própria vida; referências acerca do feminismo; ludicidade, romantismo e realidade; não aprender julgar os outros; como enxergar o lado bom da vida; conforto em momentos de perda familiar; passado da família e sua influência.

Vejam que tais práticas de leituras se mostram diversas tanto em relação aos assuntos, gêneros e formatos quanto do estilo de leitura. Nessa atividade, fica evidenciado os aspectos teóricos já estudados na disciplina, como por exemplo quando discutimos a leitura enquanto produção de sentidos em Goulemot (2011). Para esse autor, “seja popular ou erudita, ou letrada, a leitura é sempre produção de sentido (GOULEMOT, 2011, p. 107).

As experiências de leituras dos estudantes representam bem o que o Goulemot demonstra, ou seja, há leituras de todos os tipos que fizeram ou fazem sentido para cada um dos discentes.

Outro ponto chave da atividade é a possibilidade de socializar a leitura. Nessa socialização, percebe-se o despertar da curiosidade. Muitos colegas se interessam pelo texto enunciado pelo outro. Então, verifica-se que alguns discentes tendem a tomar nota para posterior leitura.

Além dessas motivações e aprendizados, muitos outros são relatados. Geralmente as exposições são marcadas por risos, sentimentos de raiva, reflexão e até mesmo lágrimas.

Para essa atividade, participaram 30 estudantes os quais revelaram diversas leituras. Muitas dessas leituras estavam relacionadas a dramas familiares vividos ou ligadas a religião. Dentre algumas falas destaco:

1. O livro “Estou viva, não uso mais drogas” de Bel Marcondes. A estudante afirma ser um livro que a ajudou a enfrentar o drama de ter um filho usuário de drogas.
2. Uma outra estudante citou “Meu pé de laranja lima” e disse que leu quando criança fazendo-a refletir que outras crianças não tinham a mesma oportunidade que ela”.
3. Já outra aluna citou “Quarto de despejo” por fazer referência ao universo feminino.
4. Outra pessoal citou a saga de Pierce Jackson, por se tratar de histórias lúdicas, romance e realidade.
5. Foi citado também “Beijo no asfalto” de Nelson Rodrigues, que segundo a leitora a ensinou a não julgar os outros.
6. “A garota exemplar” foi citada pela forma como a autora retrata a personagem e mostra que não se pode confiar em ninguém.
7. Citado, também, por outro estudante o “Lado bom da vida” o qual ajudou a enxergar muita além dos pequenos problemas.

8. “Uma família para Keite” foi citado por ter sido lido durante o drama familiar em que tinha um primo o qual faleceu pelo câncer.
9. Outra leitura citada foi “O africano” cita como o passado da família tem influência na sua vida presente.

Esses foram alguns exemplos de leitura citadas pelos estudantes. Outros relatos revelaram leituras feitas por conta de problemas com depressão; livros que fugiam às propostas impostas pela escola; livros ligados à homossexualidade; importância da amizade; interesse por diferentes áreas como por exemplo astronomia. Além disso, citou-se livros de humor, romances, livros espíritas, católicos, religiosos no geral.

Chama a atenção ao discurso, anterior a proposta da atividade, de muitos estudantes acharem que não gostam da leitura. Mas quando chega no dia da apresentação, revelam leituras marcantes, mostrando que, ao contrário do discurso anterior, demonstram gostos peculiares, diferentes estilos de leituras e de leitores.

Há nos discursos a clara ausência de espaços formais de leitura, seja da biblioteca escolar ou da biblioteca pública. Nesse sentido, muitos encontros tidos com a leitura, foram muitas vezes motivados por um parente, professor ou pela família, porém sem a intermediação de bibliotecas.

Mesmo sem o acesso a bibliotecas e/ou outros espaços formais de leitura, puderam passar pela experiência de uma prática de leitura que em algum momento da vida foi importante para compreender e apreender algo importante para si. Já aqueles com mais experiências leitoras, com acesso a diferentes espaços de leitura, demonstraram uma variedade maior de possibilidades de leitura.

Conclusão

Na universidade, em especial nas disciplinas de humanas, propõe-se o estudo de várias teorias. Porém, o que se percebe é um afastamento da teoria com a realidade. Ao se discutir a teoria atrelada à realidade do estudante, ele compreende melhor os conceitos transmitidos pelo professor.

A roda de leitura é uma dessas atividades. No decorrer da disciplinas são apresentadas teorias e no final, com a roda de leitura, pode-se somar teoria e prática fazendo com que os estudos dos autores e teorias façam mais sentido para o estudante. Além disso, é uma atividade a qual instiga a própria busca por outras leituras, já que ao falar de livros ou textos lidos, instiga-se a curiosidade por tais leituras.

É uma forma possível para que os discentes enxerguem a teoria na prática e, melhor ainda, com a sua própria realidade e a realidade de colegas que estão muito próximos a eles.

Referências

A IMPORTÂNCIA DO CAPITAL CULTURAL: CONTRIBUIÇÃO DE PIERRE BOURDIEU”; Café com Sociologia. Disponível em <<http://www.cafecomsociologia.com/2010/03/importancia-do-capital-cultural.html>>. Acesso em: 03 de novembro de 2015.

ABREU, Márcia. Diferença e desigualdade: preconceitos em leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). *Ler e navegar: espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1999.

_____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. Tradução [de] Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 2003. 395 p.

CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de Leitura*. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Contexto, leitura e subjetividade. *Transinformação*, v. 13, n. 1, p. 43-47, jan./jun., 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tinf/v13n1/03.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: ROGER, Chartier (Org.). *Práticas de Leitura*. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2009. 374 p.

MANGUEL, Alberto. Os leitores silenciosos. In: _____. *Uma história da leitura*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 57-72.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 94 p. (Coleção Primeiros Passos; 74).

RETRATOS da leitura no Brasil. São Paulo: Instituto Pró-Livro; IBOPE Inteligência, 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2018.

SANTOS, Andréa Pereria. *Juventude da UFG: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura*. 2014. 194 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5358>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, Apr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 Aug. 2018.